

**Quote as:** Ana Carvalho. “Entrevista com Bárbara Paixão.” *AV Assemblies. Conversations on Sight and Sound*, edited by Ana Carvalho, Cornelia Lund, Sara Lua Ruíz, October 2026, <https://www.fluctuating-images.de/projects-av-assemblies/>.



## Entrevista com Barbara Paixão

Interview conducted by Ana Carvalho in the framework of “AV Assemblies. Conversations on Sight and Sound,” a project by Ana Carvalho, Cornelia Lund, and Sara Luna Ruíz.

Bárbara Paixão: <https://barbarapedropaixao.com/>; <https://www.instagram.com/barbarapedropaixao/>

- Olá Bárbara, começa por apresentar-te.

O meu nome é Bárbara Paixão, considero-me artista digital e também sou professora, dou aulas na FMAD, em Vila do Conde. Tirei um mestrado, nesta escola, em meios interativos. Vinha de um background de design gráfico, e, na altura, precisava de mais estímulos. Não me bastava o design por isso este mestrado foi, de certa forma, muito importante para o que faço hoje. Foi onde eu aprendi a programar, a usar sensores, usar programas em tempo real, usar o som para manipular visuais, e a parte de interação entre o corpo e o computador. Hoje faço isso como freelancer. O que mais gosto é de fazer instalações interativas onde há sempre uma base visual - o visual está em toda a minha prática – e nas instalações interativas eu uso os sensores para fazer as pessoas interagir com os visuais. A parte de som é muito importante porque eu, na verdade, crio os visuais a ouvir música e só assim.

- As instalações, são instalações audiovisuais ou são só compostas por imagem?

Em algumas as pessoas interagem e modificam também o som. Para além dessas instalações interativas, consequentemente, veio o VJing, onde comecei a perceber a importância da manipulação dos visuais em tempo real. Ser eu a manipulá-los enquanto performer. Portanto, há o DJ e há o VJ e ambos estão a performar e é essa a minha base enquanto VJ.

- Trabalhas com algum DJ em particular ou fazes a tua performance independentemente do género musical?

Sim, independentemente do género musical. Há um lado do VJing que gosto mais que é quando posso expressar nos visuais o que eu estou a sentir no preciso momento, lá está, os estímulos. Há outro lado do VJing que também faço que é para bandas onde há uma narrativa a cumprir e então é bonito, porque há um lado mais contemplativo, mas a nível de satisfação eu prefiro trabalhar com DJs. Não trabalho com nenhum DJ em específico, comecei com as minhas amigas, a Saya e a Louve (Ângela). Não procuro trabalhos com DJs, normalmente aparece, mas ultimamente trabalho mais para bandas, em particular, com os Fidju Kitxora.

- Suponho que numa dupla DJ/VJ o teu trabalho é muito mais espontâneo por comparação com uma banda onde tens uma narrativa a seguir, mais controlada com maior contenção.

Sim. A nível de hardware, que é um elemento muito importante que separa as duas coisas, quando trabalho com um DJ levo o meu comando da Xbox porque usando-o sinto que consigo passar logo o sentimento e a emoção dos dedos para a imagem. Comparo muito com jogar Tekken na PlayStation porque posso fazer os truques todos ao ritmo da música, o que eu estou a sentir, carrego no botão. Se fizer VJing em bandas não levo o comando para não me entusiasmar demasiado na modificação das imagens, levo só um controlador *midi* onde tenho já tudo programado e isso muda muito a minha forma de estar.

- Então isso leva-me àquela pergunta sobre descrever brevemente a configuração técnica para o teu set da performance ou então, se quiseses acrescentar, como já começaste com esta parte dos controladores, como é que tu controlas as imagens, na performance e também nas instalações, como é que as tecnologias se distinguem numa coisa e na outra?

Há outro equipamento que me acompanha enquanto VJ que é o telemóvel, para usar a imagem móvel em tempo-real. Filmar as pessoas de perto, passar para a projeção e manipular a imagem. Normalmente preciso de alguém para me acompanhar. Gosto de ser eu a filmar, mas não o consigo fazer enquanto opero, então alguém filma por mim. É quase como fazer um videoclip ao vivo. Enquanto nas instalações uso mais os sensores: Kinect da Microsoft, Leap Motion e sensores LiDAR. É muito isso: o meu portátilzinho, comando da Xbox, controlador Midi, sensores e telemóvel.

- Uma coisa que reparei, olhando para as tuas imagens, é que muitas das vezes parecem saídas de uma mesa de mistura analógica, quase do século passado. Especialmente as cores porque são bastante intensas, mas também o contorno da imagem duro, sem suavidade alguma. Ou melhor, algumas imagens têm suavidade, mas depois outras não têm. Fiquei na dúvida se por acaso tu usas equipamentos analógicos.

Não. Acho que ninguém tinha visto essa perspectiva. Eu uso somente o software TouchDesigner, que é um programa de arte digital em tempo real em que me especializei, digamos assim.

- Quais são as principais ideias ou temas que usas como ponto de partida para criar os teus os teus trabalhos?

Para a criação de visuais, quando não há nenhuma base, seja uma imagem ou vídeo, primeiro, tem de ter formas abstratas e muita cor. Hoje em dia, prefiro trabalhar sobre imagem e vídeo porque dá-me satisfação chegar a um compromisso entre o abstrato e algo familiar, gosto de brincar com isso, e acho que esse é o foco principal quando estou a criar.

A primeira preocupação é que eu consiga distorcer uma imagem de alguma forma e que consiga usar cores. Se me pedirem para ser preto e branco é muito difícil para mim porque já não consigo ver a imagem com a intensidade que eu gosto. Outra preocupação nas criações visuais é que antes usava muito *blur*. Por exemplo, eu não sou nada boa cozinheira, mas cozinhar precisa de um tempero e se não houver tempero as coisas são *blur*. Precisa de um alho para tornar a coisa mais *noise*, mais *glitch*. Unir as duas combinações para haver equilíbrio.

- Faz sentido. Qual é o teu processo de trabalho?

O meu processo é um processo. Já desisti de ter a ideia para começar e fico sempre muito pelo processo, acabo por gostar de muitos resultados no momento de criar, acho que entro em hipnose. Se está bonito saco logo um *frame*. É muita experimentação, porque no software que eu uso sei o que é que cada coisa faz. Mudando minimamente parâmetros, muda muita coisa então é fácil estar muitas horas a experimentar coisas. Eu tenho muita dificuldade em parar e saber qual o momento ou o visual que gosto mais. Parece que não há fim, nem vai haver, porque, para mim, o processo é tudo.

- Suponho que o que vais fazendo em casa depois continuas e passa para a performance.

Tenho muito arquivo visual guardado, de todos os processos que fiz e que posso depois reaproveitar, modificando, claro, algumas coisas. Acabo por ter bastante material para pegar e reutilizar. Parece-me importante e também é um desafio bom pegar em coisas já feitas e tentar recriá-las, adaptá-las. Pegar numa coisa de há dois anos e pensar que hoje fazia de diferente.

- Quando pegas num visual que já começaste, suponhamos há anos, o que é que tens tendência a fazer, atualizá-lo ou usá-lo conforme está?

Atualizo-o. Nem que seja para pôr um bocadinho de alho. Porque, há dois anos, por exemplo, usava as coisas mais *blur* e não arriscava tanto. Para o ano se calhar não já não vou gostar das mesmas coisas.

- Portanto, vais atualizando o trabalho anterior à luz daquilo que é a tua linguagem, digamos, que vai sendo também naturalmente atualizada.

Sim.

- Estávamos há pouco a falar sobre teres começado a fazer VJing com duas amigas, certo? Como é que funciona as colaborações contigo, como é que procuras, se é que procuras, és encontrada, juntas-te a grupos de pessoas com afinidades, como é que funciona?

Normalmente sou buscada. Procuram-me. Com estas amigas havia uma vontade. A Saya, que é DJ, tinha vontade de ter uma componente visual, surgiu a oportunidade e começou a nossa colaboração quando fomos ao Festival Tremor, nos Açores. Depois disso fizemos ainda um ano de vários sets. Foi interessante porque estivemos a trabalhar juntas, ela a pesquisar músicas, e eu ao ouvir o que é que ela estava a passar e tentava perceber o tipo de ritmo visual que me sugeria. Com a Louve surgiu a oportunidade depois de comentarmos com outras pessoas que nós estávamos interessadas em fazer coisas juntas. Acabámos por conseguir fazer alguns sets. Com esta amiga (Louve) há uma coisa especial, ela para mim é a musa. Eu adoro filmá-la a dançar e depois passá-la para os visuais. O nosso primeiro set correu super bem, guardo-o com muito carinho. A certa altura, eu senti que tinha poucos visuais, já estávamos a instantes do set, estávamos em casa a ouvir música e a ganhar energia, ela já vestida com um fato todo tchanam começou a dançar e eu filmei-a como se ela estivesse num videoclip. Depois, já com o computador pronto para o set, consegui encaixar a filmagem com uns visuais já preparados. Correu tão bem que sempre que faço um set com ela, tenho de a filmar para depois usar os movimentos dela e produzir uma imagem abstrata a partir de uma real.

- Nas tuas instalações eu suponho que fazes o som e a imagem, portanto, tu és a autora.

As instalações que eu faço não são da minha autoria. A ver se este ano muda. As pessoas normalmente vêm ter comigo porque têm uma instalação pensada, dizem-me a sua ideia e dão-me liberdade visual. Dizem o que gostavam de ter na interação, vejo qual é o melhor sensor, e pronto, contribuo assim com a minha experiência nas instalações.

Há um projeto que desenvolvi em 2024 com mais dois artistas (Sofia Sá e Victor Gomes) em Viana do Castelo numa residência artística de um mês. Este é um projeto que considero também da minha autoria. O projeto chama-se Em Pressão. Chamaram-me enquanto artista visual multimédia, um performer (Victor) e uma artista musical (Sofia). Criámos uma peça audiovisual, muito bonita, só tive pena de serem só dois dias de apresentação.

- Que mudanças tu consegues perceber no contexto mais recente da performance, mas da instalação também se quiseses, estamos a falar do audiovisual em geral.

Em relação aos primórdios, acho que usamos ainda as mesmas coisas. Por exemplo, Myron W. Krueger que foi a minha base para a interação entre o corpo e o computador, ele já fazia isto em

1970. A intenção dele é a mesma, mas com tecnologias diferentes. O que muda é realmente a tecnologia.

- Esta pergunta tem muito a ver com o contexto mais contemporâneo, mas se calhar já estás a responder à pergunta seguinte que é, quais são as tuas referências seja em termos de outros artistas sejam eles contemporâneos ou históricos e quais são as tuas inspirações?

Essa tua pergunta faz-me pensar que é bom pensarmos nela de vez em quando, relembrar como tudo surgiu e como surgiu a minha prática. O Myron W. Krueger, um dos pioneiros na arte digital interativa, foi realmente muito importante para mim na área da interação e outro fundamental na minha prática visual que é o Memo Akten, com o visual criado em Reincarnation (2009) em que joga muito com o abstrato e o real. É um trabalho antigo que me fez um clique na forma como abordo os visuais que crio. Embora já não me identifique com este artista nos tempos de hoje, porque mudou o seu registo visual, aderindo à inteligência artificial.

Na verdade, se calhar voltando à pergunta anterior, há uma grande mudança que está a acontecer, que é essa mesmo, a Inteligência Artificial. Eu ainda não aderi. Quer dizer, de certa forma aderi, mas indiretamente por causa dos sensores e do machine learning para reconhecer partes do corpo. Há um outro artista, o Maotik, é contemporâneo e faz peças muito poéticas com arte generativa. As instalações interativas que ele faz são muito bem trabalhadas e muito elegantes.

Um artista com quem comecei a trabalhar há pouco tempo, o Jonathan Uliel Saldanha. Gosto particularmente da forma como ele preenche tantos estímulos nas suas criações. Trabalhei com ele no ano passado e este ano, mas foi numa área fora da minha zona de conforto que foi animar luzes e criar todo um sistema de luz no Touchdesigner. Agradeço muito a oportunidade que ele me deu, com espaço para pesquisar, investigar e explorar porque era algo que eu não sabia bem como funciona e hoje sinto que adquirir mais uma competência, com muito ainda por aprender.

- Voltando ao assunto da Inteligência Artificial, como é que tu a usas no teu próprio trabalho?

Visualmente, eu não aderi e nem sei se tenho de aderir conscientemente. Por volta de 2021 e 2022 testei algumas coisas a nível visual antes de haver esse boom, mas não me disse nada. Acho que a inteligência artificial para mim, não vai de encontro com a minha forma de trabalhar que é processual.

Eu não sei se é por desvalorizar o trabalho que temos no processo todo, ainda estou a tentar construir aqui uma forma de aceitar a inteligência artificial. Como disse, trabalho indiretamente com esta ferramenta. Como trabalho com partes do corpo, gestos do corpo e treinamento da máquina, eu aceito trabalhar com inteligência artificial, mas a nível visual não sou fã do seu lado estético. Eu consigo ver potencial quando os VJs passam visuais construídos com inteligência artificial, acho que pode ser fácil de colar nos visuais porque há transformações entre as imagens, mas enquanto criadora de visuais não me vejo ali, gosto que haja o lado humano e que as imagens sejam construídas com a emoção e com os sentimentos.

- Suponho que tira aquela espontaneidade que tu gostas na performance.

Sim, é isso mesmo.

- É como dar esse prazer da espontaneidade de improvisação à máquina. Gostarias de sugerir artistas, obras, publicações, que ajudem a compreender um contexto nacional e um contexto Internacional? Ou seja, outros artistas que estão a fazer algo semelhante a ti ou um grupo de pessoas que sintas como com afinidades.

Não pensei muito sobre isso.

- Pode ser literatura, se isso te inspira ou um passeio em Santa Catarina ou no parque. Não pensei muito sobre isso.

Ah! Assim deixas-me mais descansada em dar esta resposta. É que neste mundo da arte, parece que é obrigatório haver muitas referências de outros artistas e ser-se uma pessoa super conceptual para validarem o nosso trabalho: “eu tive esta grande ideia porque li não sei quantos artigos, isto e aquilo” e eu nunca fui muito assim então sofro um bocadinho com essa pressão.

- É desnecessário, porque nem sempre tiramos inspiração do artista A, B ou C.

Sim. É uma coisa que eu tenho de desconstruir porque de facto, o que me inspira é ver as cores e detalhes visualmente interessantes na rua, gosto muito de fazer coisas para mim como fazer pequenos vídeos. Há pouco tempo, filmei só as minhas mãos e depois brinquei com elas, manipulei-as e criei um mini vídeo seguindo uma música que eu gostava. Acho que são pequenas coisas do dia a dia.

- Faz sentido. Como estavas a dizer, sobre a tua amiga (Louve) quando estavam a preparar-se para sair de casa foi quando apareceu a ideia de fazerem um vídeo, portanto, mais do que esse quotidiano não há. Aquilo que tu trazes para o concerto é a história de como lá chegaram, ou pelo menos parte dela.  
Como é que no teu trabalho se relaciona a arte e a política? O teu trabalho envolve questões políticas ou questões sociais?

Diretamente não, mas se calhar algo que inconscientemente está lá é o facto de ser mulher, de haver poucas oportunidades para as mulheres, e o facto de conseguir me sobressair neste mundo do audiovisual, que está a melhorar, mas onde fica sempre aquela dúvida se o trabalho dela é bom ou não, se se ela vai conseguir ou não. É uma forma política estar aqui, presente, e conseguir dar o exemplo para outras que estão por aí.